

# ETTORE BOTTINI

## GRAMA LEVE

Meu nome é Luiz Sellaio. Não o escrevo aqui por vaidade, como o faria se me chamasse Irineo Leguisamo, Pancho Yrigoyen ou Gabriel Mendez. Esses não eram simples jóqueis, como eu, mas monstros do freio e do chicote. Escrevo-o porque era também o nome de um remoto tio-avô, e é dele que trata esta história, muito embora eu compreenda que é também a minha; que, para além da coincidência de nomes, as duas histórias são uma só.

O primeiro Luiz, que então ainda era Luigi, deu com os costados em Buenos Aires por volta de 1890. Era o mais novo de três irmãos, seleiros de profissão, como indica o sobrenome. Matara um homem em uma briga, na qual se misturaram facas, uma questão de terras e uma mulher. Os outros dois, Giuseppe e Antonio, venderam algumas jóias da família e conseguiram embarcá-lo em Nápoles, num navio da "Oceania Società Anonima d'Emigrazione". Receavam, mais que um improvável policial, a família do morto, as tediosas retaliações que eram (são) a praga do Sul italiano. Só comunicaram o fato à mãe viúva e às irmãs semanas depois, fosse por precaução ou porque era assunto de homens.

O pouco que se sabe da viagem de Luigi permite supor que ele tenha sido discreto, como convém a um fugitivo. Talvez o modesto orgulho de ser artesão o deixasse indiferente às brigas entre os lavradores louros do Norte e os lavradores morenos do Sul, uma das distrações de bordo. À outra distração, o baralho de escopa, não deve ter resistido, pois desembarcou na capital argentina com mais dinheiro do que tinha ao embarcar.

Três anos depois, enterrada a mãe e casada a última irmã solteira, os dois mais velhos partiram à procura do irmão. Haviam combinado, por segurança, que ele não escrevesse. A

dificuldade de encontrar um homem de paradeiro ignorado, talvez sob outro nome, em um continente estranho, não lhes ocorreu; esperavam, provavelmente, achá-lo ainda em Buenos Aires, cidade que não chegaram a ver. O navio que os trazia fizera uma escala no Rio de Janeiro, onde grassava, como se dizia, uma epidemia de tifo; ao aportar na Argentina, a costeira colocou navio, tripulantes e passageiros em quarentena. A companhia proprietária, para evitar prejuízo, expulsou de bordo os passageiros em Montevideu, onde o comandante da capitania era menos precavido ou mais subornável. O contratempo, ao fim e ao cabo, poupou-lhes buscas inúteis — um contrerrâneo, garçom em um restaurante junto ao porto, conhecera e hospedara Luiz, assim se chamava agora. Souberam por ele que o irmão realmente estivera em Buenos Aires, trabalhando na selaria de um homem chamado Batista. O resto era inquietante, embora previsível. Luiz seduzira ou fora seduzido pela mulher do patrão. Descoberto, outra vez matara, outra vez fugira. Deveria andar mais ao norte, talvez no Rio Grande.

Há alguns hiatos na história, a partir daí. Não se sabe, por exemplo, onde José e Antonio teriam aprendido agrimensura. O fato é que na primavera de 1903, estavam medindo as terras de um certo Júlio Hertz, na região de Paso de los Libres e Uruguaiana. O trabalho rendeu o suficiente para comprarem uma tropilha de mulas de carga e alguns cavalos. O comércio incerto e nômade de tropeiros foi levando-os cada vez mais para o norte. Imagino que não esperassem mais encontrar o irmão, mas o costume de perguntar por ele servia de introdução a conversas ocasionais. Por volta de 1920 haviam se estabelecido a oeste de Santa Catarina, onde criavam um punhado de ovelhas e cultivavam uma vinha de qualidade inferior. Aqui e ali, na região, espoucavam conflitos entre imigrantes calabreses e piemonteses. Um amigo, que estivera em Lajes, trouxe um jornal onde o editorialista, no tom retumbante da época, condenava a rivalidade entre os grupos, invocando uma comum cidadania brasileira; mencionava um tiroteio no hipódromo local, onde fora ferido um arruaceiro proibido de entrar na cidade, de nome Luiz Sellaio, que abrira fogo contra um grupo do Piemonte a pretexto de alguma provocação. Levaram-no para a delegacia, "esvahindo-se em

sangue", nas palavras do jornal. Ao revistá-lo, os policiais acharam um pistolim oculto no cano da bota; com ele, deram-lhe um tiro de misericórdia.

Meu pai, Mattia, filho de Antonio, lembrava-se que os dois continuaram conversando até que o amigo se fosse, ao cair da tarde. Apanharam, então, o garrafão de grapa e trancaram-se no galpão. Durante a noite ouviam-se gritos e o som cavo de murros nas paredes de madeira. Em 1946 acompanhei meu pai até Lajes, para exumar o corpo e enterrá-lo ao lado dos irmãos. A curiosidade levou-nos até o hipódromo, onde vi os cavalos, maiores e mais bonitos que qualquer pangaré que eu já tivesse montado. De volta ao hotel, convenci-o a deixar-me na cidade, trabalhando com um treinador que eu conhecera. Dizem que os índios recitam nomes de antepassados para o recém-nascido, até que a criança, ao sorrir, escolha o seu. Dizem, também, que entre os esquimós um homem possui três nomes: um para a tribo, outro para a família e ainda outro, o verdadeiro, que só ele e os deuses conhecem; pronunciar este nome acarreta a morte e o inferno. Não tenho nenhum respeito pelo mito do "bom selvagem" e sua pretensa sabedoria, mas agrada-me a idéia que um nome seja mais que um som qualquer que carregamos, que seja algo que possui um peso e um significado.

Gosto de imaginar que o outro Luiz saltou com seu nome uma geração para retomar, comigo, o que quer que tivesse interrompido. Penso nele quando me envolvo com mulher. Nos domingos de sol, grama leve, um estado da pista, um estado de espírito quando estou correndo na ponta e o disco se aproxima, posso vê-lo gritando, nas arquibancadas, e sei que ele apostou em mim.